

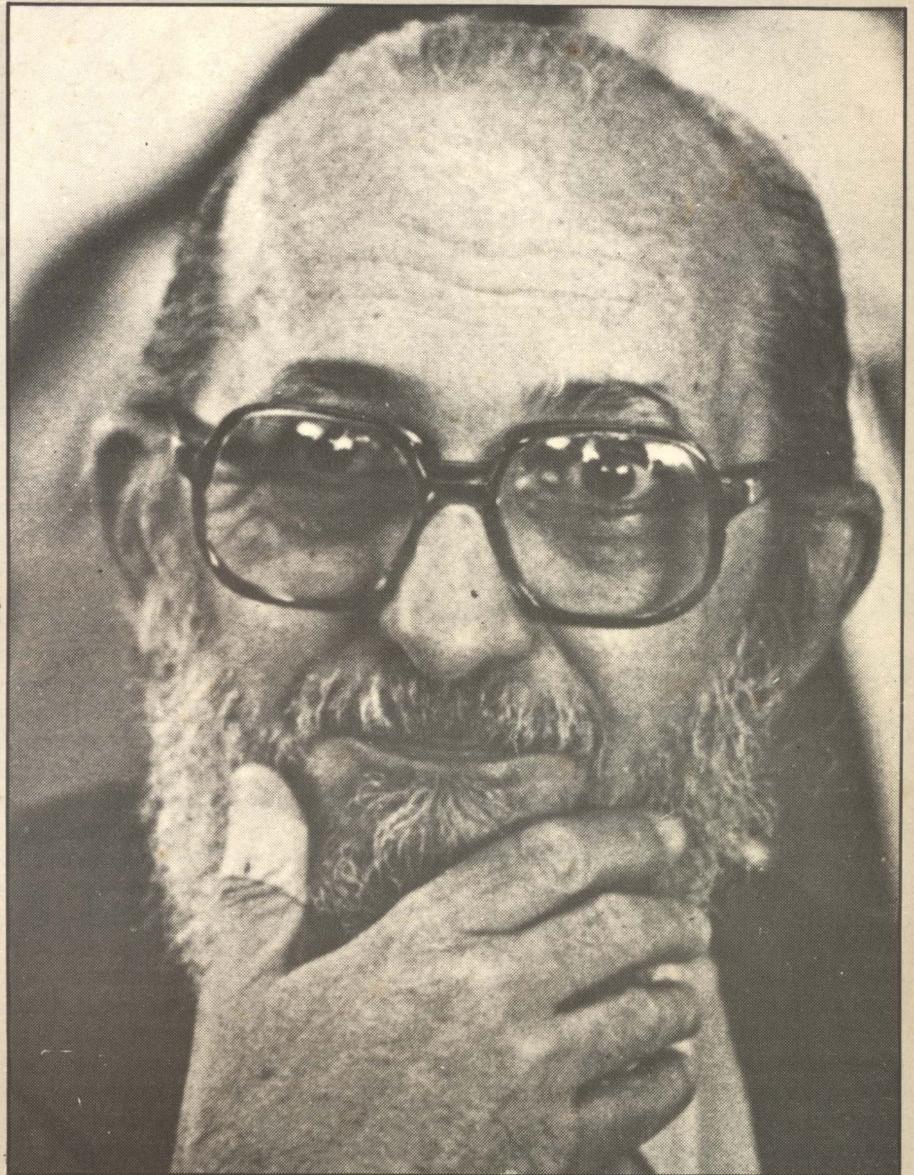
tempo e

# presença

publicação mensal do CEDI

número 154 outubro de 1979

## Paulo Freire: Educação é Prática da Liberdade



Bíblia hoje  
Êxodo  
a pedagogia  
da libertação

Aconteceu  
Subsídios  
para uma  
política social

Última página  
Pensar ou repensar  
a educação:  
como?



## Editorial

# Não dê o peixe, ensine a pescar

*Esta afirmativa traduz o que foi, durante muito tempo, o projeto educacional no qual se viram envolvidos os educadores mais conscientes e engajados numa transformação pedagógica no Brasil. Romper com um sistema assistencialista da educação e superar os limites impostos pela sociedade capitalista era a*

*palavra de ordem que motivava os militantes católicos da década de 60. O Movimento de Educação de Base – MEB – através das Escolas Radiofônicas, era o baluarte desta nova educação – popular – para que as pessoas se compreendessem compreendendo o mundo que as rodeava e produzia. O professor Paulo Freire, no Recife, surgia como um dos teóricos desta educação. Foi o período onde a palavra CONSCIENTIZAÇÃO era o elã que mesclava os militantes preocupados com a alfabetização e tomada de consciência do povo. As classes dominantes apavoraram-se com a possibilidade real de que milhares de pessoas – alfabetizadas num tempo relâmpago – pudessem mudar as regras do jogo, democraticamente, através das eleições. E então, tirando da algibeira o chavão mágico de “COMUNISTA”, colocaram-no na testa de tantos quantos ameaçavam o seu poder. Os anos passaram... e quinze anos depois volta o professor pernambucano. Mais amadurecido e mais lúcido nos seus escritos. A educação não é um projeto à margem da realidade social. Ela é produzida pelas relações sociais. Afinal, “as escolas profissionalizantes” só podem ser entendidas dentro de um projeto econômico dos militares que nos governam.*

*Dentro desta dura realidade o CELAM, em Medellín, 1968, aprovava uma Educação Libertadora e nela os escritos do professor Freire faziam uma simbiose entre o político e o eclesial. A situação da América Latina era comparada à situação de opressão do livro do Êxodo. Era necessário LIBERTAR O POVO. E neste processo de libertação a Educação desempenhava um papel primordial, segundo a Igreja Latino-Americana. Os anos também se passaram... e dez anos depois, em Puebla, os bispos latino-americanos constatam que as coisas haviam piorado dentro da nossa sociedade. Os ricos mais ricos e os pobres... miseráveis! Todas as tentativas de correção dos “abusos do sistema capitalista” haviam, quando muito, ingenuamente reforçado a dominação. E todo o esforço de ENSINAR A PESCAR o mar levava junto com as redes...*

*Mas esta crise toda serviu para evidenciar o que foi lentamente desvelado: DE NADA ADIANTA ENSINAR A PESCAR SE QUEM PESCA NÃO PODE COMER O QUE PESCOU. Se pesca para que outro coma. Se pesca para que o fruto da sua pesca entre na circulação que conduz o lucro para as mãos de uns poucos. Sem dúvida, ENSINAR A PESCAR é muito mais pedagógico do que DAR O PEIXE. Mas será uma pedagogia estéril e conivente com o sistema capitalista se ENSINAR A PESCAR não estiver inserido numa sociedade onde quem pesca possa comer o que pescou. E é esta a nova palavra de ordem da educação para a liberdade: QUEM PESCA QUE POSSA COMER O QUE PESCOU... e repartir com seus irmãos e festejar com seus irmãos numa mesa farta. Mesa esta fruto do seu trabalho onde comam todos os que produziram e não apenas se satisfaçam com as migalhas da mesa dos que nunca produzem o que comem.*

tempo e **presença**

CENTRO ECUMÊNICO  
DE DOCUMENTAÇÃO E  
INFORMAÇÃO – CEDI

**Diretor:**  
Domício Pereira de Matos  
**Redator responsável:**  
Paulo César Loureiro Botas  
**Coordenação e Planejamento visual:**  
Clausius Ceccon  
**Arte:**  
Alvaro A. Ramos  
**Composição e fotolito:**  
Clak - Rua do Senado, 200

Assinatura anual - Cr\$ 180,00  
Remessa em cheque pagável no Rio,  
para Tempo e Presença Editora Ltda.  
Caixa Postal 16.042 - ZC-01  
20.000 - Rio de Janeiro - RJ.  
Publicação mensal  
Registro de acordo com  
a Lei de Imprensa



Paulo Freire no CEDI

# Educação é Prática da Liberdade

Reflexões de um educador cristão  
numa entrevista exclusiva a Tempo e Presença

**TEMPO E PRESENÇA:** Paulo, como você vê a proposta pedagógica de uma educação libertadora aprovada em Medellín e enriquecida com a prática pastoral decorrente desta opção? Ao seu ver a proposta auxilia a prática pastoral ou é ultrapassada por ela?

**PAULO FREIRE:** Eu vou tentar dizer para vocês como eu reajo do ponto-de-vista da prática da qual eu tenho feito parte atuante e da prática da qual eu tenho conhecimento. Faço parte dos educadores brasileiros que deu e continua a dar um mínimo de contribuição a uma prática educacional libertadora, uma educação como prática da liberdade. Foi esta prática, creio, a não ser que esteja cometendo um erro histórico muito grave de interpretação, que recebeu uma iluminação

teórica que tem a ver com muito do que aconteceu em Medellín. O que foi feito nesta perspectiva de libertação se encontra presente nas preocupações de Medellín. Há outros educadores que participaram desta experiência e desta prática, e mesmo da formulação teórica desta prática, sem ter tido nenhuma raiz ou motivação cristãs. Este, no entanto, não é o meu caso. No fundo, a prática pedagógica a que me entreguei, desde a minha juventude, no caminho libertador, tem muito a ver com a minha opção cristã. Certa vez eu disse numa entrevista, que muito moço ainda eu fui aos córregos e aos morros do Recife, nas zonas rurais, por causa de uma certa intimidade petulante ou gostosamente petulante com Cristo. Fui até lá por causa dEle. Mas chegando lá, a realidade dramática e desafiante do povo me

remete inclusive a Marx que eu venho, leio e estudo. Mas fazendo isto não deixei jamais de continuar me encontrando com o Cristo nas esquinas das ruas. Neste sentido, a prática se inicia; no meu caso particular, com a movimentação cristã e no desenrolar desta prática ela vai se fazendo cada vez mais política. E é a politização desta prática, ou melhor, a consciência do caráter político desta prática que me faz perceber que assim como eu me tornava político porque um educador, eu me tornava político porque um cristão. O que aconteceu é que parti para o povo com uma visão adocicadamente cristã. Com uma mensagem mais ou menos diáfana, com um cristianismo mais ou menos abstrato, com uma amorosidade que não se encarnava. E foi a necessidade da encarnação desta amorosidade, a desco-

*Muitas vezes faz-se inicialmente uma opção pela libertação e não se tem consciência de até onde vai e qual é a caminhada. Como se a libertação fosse uma coisa e não um processo.*

berta desta necessidade que me faz perceber-me cristão de outra maneira. Eu não gostaria de dizer mais cristão do que antes, mas que me faz perceber que porque estava me fazendo cristão estava me politizando. Em outras palavras, era inviável, enquanto cristão, ser neutro. Era inviável, enquanto educador, ser neutro. E esta prática cresce com outros. Amplia-se. Radicaliza-se. Desenvolve-se. Ganha contribuição de muita gente. No exílio ela continua. Cresce. E vai recebendo aportes e novos conceitos. E alguns aspectos desta prática, que não era só minha, vão aparecer nos documentos de Medellín. No meu entender, Medellín aparece como uma denúncia-anúncio. Medellín denuncia um contexto latino-americano e anuncia uma caminhada de libertação. Medellín denuncia uma realidade opressora e exige uma nova Páscoa aos cristãos. Uma Páscoa histórica, uma real transformação. Um morrer para reviver. E aí está uma das dimensões do anúncio que Medellín faz. Puebla, ao meu ver, relata o anúncio anterior e por mais que possa aparecer que recuou, a impressão que eu tenho é que em muitos aspectos avançou. Pode ser também que eu esteja errado...

T.P.: Esta caminhada tem ambigüidades, não é uma caminhada horizontal?

P.F.: É evidente. Não há caminhada que não tenha suas ambigüidades e contradições. Não há uma horizontalidade. Há curvas, idas e vindas e há muitos que desertam da caminhada. Eu me lembro que escrevia anos atrás sobre o papel das Igrejas na América Latina e falava desta caminhada. E da Páscoa como eu a entendia. Muitos de nós desistimos antes de começar a caminhada, outros no meio dela, mas muitos continuam marchando ainda. E foi esta caminhada que trouxe novas contribuições ao ponto de partida de uma educação libertadora. Seria uma lástima que depois de tantos anos as propostas de uma educação libertadora fossem as mesmas. Em certo sentido há determinados pontos e objetivos que continuam a ser os mesmos. Mas as formas, às vezes, de alcançar estes objetivos mudaram e houve um enriquecimento.

T.P.: As massas fecundaram a Igreja?

P.F.: A presença das massas na Igreja en-



riquece e transforma a própria prática. A prática ganha uma outra dimensão porque é enriquecida com a presença das massas. E elas deixam de ser um enfeite para a Igreja e passam a ser um componente desta transformação. Isto faz com que apareça uma outra Igreja. A Igreja deixa de ser mãe para ser filha também.

T.P.: Quais as razões que, em alguns casos, nesta caminhada de libertação, a Igreja faz uma opção para esta libertação e uma vez alcançada e mudado o regime que se combatia, as massas caminham mais depressa do que a Igreja e a Igreja se vê como que ameaçada de perder suas forças e rebanho e assume uma posição mais conservadora? É o risco da nostalgia do poder? Neste sentido a opção pela libertação não seria uma opção total? Ou seja, não uma meia opção, de que se pode ter um pé ali e outro aqui e vamos ver... Uma opção tem que assumir inclusive as suas conseqüências?

P.F.: A convicção que eu tenho é que deve ser total. É uma opção inclusive permanente, um que-fazer permanente que não é necessariamente total no começo. Por exemplo, muitas vezes faz-se inicialmente uma opção pela libertação e não se tem consciência de até onde vai e qual é a caminhada. Como se a libertação fosse uma coisa e não um processo. Como se a libertação estivesse fora e não dentro do processo. Como se a libertação fosse um ponto de chegada ou um ponto de partida

e não um processo permanente. Quando se alcança, num certo momento da libertação, a liberdade, esta mesma liberdade conquistada, em pouco tempo, pode ser superada por outras necessidades de liberdade. É por isso que eu me recuso a discutir a liberdade como uma categoria metafísica. Eu só a entendo como uma categoria histórica. É a libertação como busca permanente de liberdade. Muitos de nós fazemos uma opção sem ter uma consciência clara de certos caminhos e de certos aspectos desta caminhada. E das implicações desta caminhada. Às vezes nos tornamos medrosos da caminhada e desistimos. Daí então o saudosismo do poder e os interesses de classe se colocam aí dentro. Quero dizer que muitos de nós optam pela libertação numa atitude muito mais dádiosa no começo, numa falsa generosidade do que com clareza política para a transformação de uma realidade de injustiças. Alguns de nós chegam, inclusive, a temer que a realidade concreta da injustiça desapareça porque daí então não teríamos o que fazer com a nossa caridade.

T.P.: Isto significa que se a teologia da libertação estivesse pronta ela estaria terminada. Mas a teologia da libertação se faz a cada momento. E é por isso que muitos europeus não entendem a teologia da libertação, pois ela não é uma coisa pronta, ela está se fazendo a cada dia?

P.F.: Possivelmente alguns europeus não confiaram da falta de rigor, segundo eles criticam, da teologia da libertação, porque para eles seria importante que ela aparecesse como um sistema fechado em si. E é absolutamente impossível pedir isto à teologia da libertação. Para mim um dos grandes méritos dos teólogos da libertação na América Latina foi exatamente a clareza com que viram que esta teologia só se podia construir na práxis: indo e voltando, fazendo-se e refazendo-se, jamais como algo parado. É inviável admitir o pacotamento da teologia da libertação. Ela é tão processual e dinâmica como a realidade social sobre a qual ela repousa a reflexão do teólogo.

T.P.: Dentro desta caminhada como você vê o sentido ecumênico? Por que normalmente quando se fala em sentido ecumê-

*Porque não há, no meu entender, ecumenismo que não seja democrático. Que não seja participante.*

nico pensa-se na aproximação de igrejas ou aproximação de doutrinas? E você, como católico, que trabalha num organismo protestante e evangélico, como é que você se sente nesta perspectiva ecumênica?

P.F.: Eu desde menino que me sinto ecumênico. Eu me lembro, por exemplo, quando menino ainda, em Jaboatão, a 18 km do Recife, eu não compreendia, nos meus 13 anos, aquela briga entre católicos e protestantes. Eu reagia. Eu me lembro que aos 15 ou 16 anos ouvi várias vezes o professor Jerônimo Gueiros falando num templo protestante. E eu como menino católico ia seduzido por uma certa gostosa felicidade de expressão e de discurso de um homem que era sobretudo um grande conhecedor da língua portuguesa. Mas eu ia com a curiosidade de um jovem cristão, mesmo sendo católico. Não me interessava se era um templo protestante ou não. E minha mãe tinha raízes numa catolicidade muito profunda. Minha mãe sabia que eu fazia isto de vez em quando e jamais me criticou nem me questionou. Na minha adolescência eu já não entendia este tipo de briga, de ofensas e de ataques. Mas depois que me fiz homem e comecei a ouvir a falar de ecumenismo, confesso a vocês, que um dos medos é que o ecumenismo significasse uma espécie de aliança para a preservação do *status quo*. Uma aliança de cristãos católicos e protestantes, disso ou daquilo, para manter o mundo parado. O que seria possível.

Se tu me pedes ainda meu testemunho de homem cristão de formação católica trabalhando desde 1970 no Conselho Mundial das Igrejas em Genebra, te diria que em toda a minha vida jamais me senti tão livre quanto durante o tempo em que trabalho no Conselho Mundial. Jamais. E vocês não de envier comigo que eu tenho trabalhado em muitos lugares.

Uma das coisas que mais me agrada no CMI, apesar da burocracia, que é uma das coisas que eu não gosto nem lá nem em canto algum, é a ausência de beatismos, a ausência de pieguismo. E confesso a vocês que dentro de algum tempo eu direi até logo ao CMI, aos meus amigos e colegas de lá, e estou certo de que terei saudades dos seus corredores e sobretudo terei saudade do espírito que alenta aquela casa.



T.P.: Você está partindo do princípio de que o ecumenismo é este encontro que as pessoas têm diante de uma visão comum de cristianismo e de realidade. O que dá a linha ecumênica é a visão comum que as pessoas têm da realidade e não algumas definições prontas e já elaboradas sobre isto?

P.F.: Exato. Eu tendo a recusar visões domesticadas, elaboradas a priori. Eu diria que eu vejo o ecumenismo como a busca de unidade na diversidade de pessoas, de povos, que podem ser mediados pelo mesmo mundo que devem recriar. Por isso mesmo eu amplio o horizonte ecumênico incluindo nele os que não creem como nós. Porque não há, no meu entender, ecumenismo que não seja democrático. Que não seja participante. Que não seja tolerante. Que não seja respeitoso. Saindo disso o ecumenismo se transforma numa rigidez, católica ou protestante.

T.P.: Quando você fala de respeitoso, não está pensando o ecumenismo como um processo de boas relações entre as pessoas, relações humanas mais delicadas entre as pessoas?

P.F.: Não, não. Eu insisti na mediatização do mundo que deve ser transformado e não conservado. Não há ecumenismo de conservação. Na medida em que o conservantismo é reacionário. Conserva-se o que não pode ficar. O que pode ficar não precisa ser conservado. Por exemplo, eu não posso conceber jamais como é neces-

sário que eu lute para conservar os evangelhos. Evidentemente que eu, como cristão, não posso ficar indiferente a eles. Mas a minha não indiferença aos evangelhos não tem nada a ver com a posição de querer conservá-los. Porque a única maneira de estar diante deles é vivê-los. E vivê-los não é conservá-los, é refazê-los. Talvez eu esteja sendo um pouco herético neste ponto, mas é esta uma das vantagens de eu não ter estudado teologia sistemática.

T.P.: Há um problema que aparece na proposta pedagógica da qual você faz parte, que é o relacionamento entre os participantes do processo. Esta problemática também aparece na prática pastoral. Por exemplo, o relacionamento do padre com o povo; do agente de pastoral com o povo; do pastor com os que fazem parte da Igreja. A problemática deste relacionamento tem sido muito debatida. Ao mesmo tempo que isto tem trazido muitos problemas; ficam incomodados porque não sabem o que dizer ao povo, porque o povo tem o que dizer a eles. E esta ambiguidade está muito presente nas Comunidades Eclesiais de Base, nas pastorais. Como você vê este problema?

P.F.: Eu penso que este problema deve ser colocado em vários níveis. No nível da relação professor-aluno, educador-educando, da relação pastor-fielis, a relação investigador e seus investigados. A relação liderança e classe. E a colocação deste problema nos leva necessariamente à análise de um ponto: o problema de um lado do *espontaneísmo*, não da espontaneidade — que é positiva — e de outro lado o problema da *manipulação*, do *dirigismo*. De um lado o *deixa estar prà ver como fica*, do outro o manobristo e do paternalismo em que o afilhado fica sob controle. O destino do afilhado é determinado pelo projeto e pela vontade do padrinho. Na minha infância e juventude esta foi a regra no mundo católico, sobretudo nas zonas rurais. O padre determinava até os gostos privados das famílias. Isto é inviável hoje. Estou há quinze anos fora do Brasil mas não tenho dúvida nenhuma de dizer que isto agora é inviável. Quando eu deixei o Brasil em 1964 (ou melhor, quando fui deixado), já não era possível isto na maior parte da zona rural. Hoje

*É uma concepção possessiva da Igreja: a de possuir o povo.  
Uma concepção purista porque tenta proteger o povo  
das outras forças sociais.*

isto deve ser ainda mais inviável, sobretudo depois da larga experiência das Comunidades de Base que realizam certos anúncios de libertação. O problema está, no meu entender, em como não ser espontaneísta não sendo manipulador. O pastor, o sacerdote e o agente não têm que ter vergonha de ser pastor, sacerdote e agente, professor ou intelectual. O problema todo se situa em como superar estas duas posturas falsas e erradas. Em outras palavras, em como estabelecer uma real comunicação com os grupos de base com os quais se trabalha. Como aprender, com eles, a superar as deformações do nosso sistema educacional que é um sistema de classes? Este é o problema crucial para nós, mas não tem dúvida que a própria prática nos está ensinando a superar qualquer uma destas duas formas.

T.P.: É o que se chama omissão e dirigismo?

P.F.: Exato.

T.P.: Você teme que agora com as chamadas aberturas democráticas do país esta caminhada da Igreja possa ser diminuída como a sofrida pelos processos sociais mais amplos ou esta caminhada prossegue apesar destes processos?

P.F.: Bem, eu preferiria dizer que espero que prossiga. E tenho confiança que prossiga. Não me parece fácil um recuo, apesar das tentações que possivelmente surgirão durante esta caminhada.

T.P.: Não será possível uma recuada, à medida em que a Igreja já viu alcançada algumas de suas metas como a abertura democrática (que não foi uma coisa gratuita mas uma coisa conquistada por outras forças sociais), não será possível que a Igreja se contente com estas conquistas e deixe que as outras forças sociais prossigam e ela mesma pare nisto?

P.F.: Como se ela pudesse, num certo momento, dizer adeus ao processo e sair dele. A minha esperança é de que este risco, que existe, seja vencido. Porque o que ocorre e tem ocorrido com as Igrejas no Brasil é que elas — que nunca estiveram fora da História — ganharam uma consciência muito crítica da sua inserção no processo. Hoje, penso que seria muito



difícil que elas se decretassem a si mesmas a despedida do processo. No meu entender se elas fizerem esta despedida em massa, arriscam-se a sair da História. E eu não creio que possam fazer isto. De outro lado, as fidelidades e o compromisso que se vem selando entre as igrejas enquanto instituições e as massas populares não podem e não creio que possam ser desfeitos. Então a despedida do processo significaria inclusive uma concepção falsa, errada e ingênua do processo de libertação como algo a terminar amanhã ou terminar hoje. Como se a busca fosse em função de um alvo tão limitado. E agora parafraseando Amílcar Cabral, líder da Guiné, que diz que o processo de libertação é ao mesmo tempo um fato cultural e um fator de cultura. No momento em que as igrejas se inserem num processo de libertação, como se inseriram, elas viveram este processo não apenas como um fato cultural, religioso e político mas este fato cultural, religioso e político histórico se transformou também num fator a mais de mais libertação. Então, é impossível recuar, no meu entender. Ou melhor, espero que não recue porque não é fácil recuar.

T.P.: Já que isto é quase impossível, como você vê a tentação que ela pode ter de querer dirigir o processo. Dela querer a hegemonia do processo?

P.F.: Isto seria, no meu entender, um erro que significaria um saudosismo, uma nostalgia do poder. Penso que as igrejas precisam se convencer de que quanto

mais libertado esteja o povo de Deus tanto mais autenticamente mães elas serão. E quanto mais domesticado ele esteja, sobretudo por ela, tanto mais em madrastras elas se transformarão. E eu não creio que a experiência desta caminhada de libertação permita esta tentação às nossas igrejas.

T.P.: A própria caminhada, como você mesmo disse, é um fator de cultura. Ou seja, a experiência desta caminhada que vai sendo acumulada, as lutas que vão acontecendo transformam as pessoas que se engajaram neste processo. E esta transformação não é uma transformação que se possa de repente parar e recuar novamente. O que se espera da Igreja, que avançou a partir de uma proposta inicial, é que aprofunde este compromisso e o faça avançar. Pois este compromisso transcende a Igreja institucional porque é com o povo todo. E por ser com o povo todo não tem como recuar e nem como tentar dirigir, porque tentar dirigir é uma outra posição elitista.

P.F.: É uma concepção possessiva da Igreja: a de possuir o povo. Uma concepção purista porque tenta proteger o povo das outras forças sociais.

T.P.: Quando você voltar para o Brasil a pastoral popular está esperando que você seja um dos componentes desta pastoral popular e que o ser relacionamento não seja só com as universidades, mas que você esteja desafiado a se integrar mais r' que já estava, porque você nunca deixou de se integrar nesta caminhada da Igreja.

P.F.: A minha resposta a você e aos leitores de Tempo e Presença é uma resposta de compromisso. E digo mais, para mim o fundamental é isto e não a universidade. E espero que as universidades me compreendam e não fiquem tristes. O que eu venho tentando ser na vida, às vezes para surpresa de muita gente que considera paradoxal e mesmo contraditório — e eu sempre digo que eu tenho o direito de ser contraditório enquanto homem procurando ser cristão — é dar uma contribuição mais e mais nesta linha e então a minha resposta é a de que realmente podem contar com o mínimo de que sou capaz com os outros. E penso em voltar no começo do ano.

# Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos

(Notas de Paulo Freire para  
4 jovens seminaristas alemães)  
Texto inédito,  
escrito em Genebra em 1977.



*Costumo dizer que, independentemente da posição cristã em que sempre procurei estar, Cristo seria, como é, para mim um exemplo de Pedagogia.*

*Na minha infância longínqua, nas aulas de catecismo, em que um saudosos mas ingênuo sacerdote falava da danação das almas perdidas para sempre no fogo de um inferno eterno, não obstante o medo que me tomava, o que ficava realmente em mim era a bondade grande, a valentia de amar, sem limites, que o Cristo nos testemunhava.*

*Menino ainda, jovem depois, homem afinal, em quem, contudo, o menino continuou vivo, me fascinava e me fascina, nos Evangelhos, a indivisibilidade entre seu conteúdo e o método com que o Cristo os comunicava. O ensino do Cristo não era nem poderia ser o de quem, como muitos de nós, julgando-se possuidor de uma verdade, buscava impo-la ou simplesmente transferi-la. Verdade Ele mesmo. Verbo que se fez carne, História viva, sua pedagogia era a do testemunho de uma Presença que contradizia, que denunciava e anunciava. Verbo encarnado, Verdade Ele mesmo, a palavra que d'Ele emanava não poderia ser uma palavra que, dita, dela se dissesse que foi, mas uma palavra que sempre estaria sendo. Esta palavra jamais poderia ser aprendida se não fosse apreendida e não seria apreendida se não fosse igualmente por nós "encarnada". Dai o convite que Cristo nos fez e porque nos fez continua a nos fazer — o de conhecer a verdade de Sua mensagem na prática de seus mais mínimos pormenores.*

*Sua palavra não é som que voa: é PALAVRAÇÃO.*

*Não posso conhecer os Evangelhos se os torno como palavras que puramente "aterrizam" em meu ser ou*

*se, considerando-me um espaço vazio, pretendo enchê-lo com elas. Esta seria a melhor maneira de burocratizar a Palavra, de esvaziá-la, de negá-la, de roubar-lhe o dinamismo do eterno estar sendo para transformá-la na expressão de um rito formal. Pelo contrário, conheço os Evangelhos, bem ou mal, na medida em que, bem ou mal, os vivo. Experimento-os e neles me experimento na prática social de que participo historicamente, com os seres humanos. Dai a aventura arriscada que é aprendê-los e ensiná-los, enquanto um ato indicotomizável; dai o medo quase sempre incontido que nos assalta ao escutar o chamamento do Cristo à prática de Sua mensagem; dai as racionalizações intelectualistas em que caímos e com que opacizamos a Transparência; dai que falamos tanto da BOA NOVA, sem a denúncia do mau contexto que obstaculiza a efetivação da BOA NOVA; dai que separamos Salvação de Libertação; dai, finalmente, que nos "arquivamos" num tradicionalismo ou num modernismo — maneira de sermos mais eficientemente tradicionais-alienadores, recusando o estar sendo para poder ser o que caracteriza a verdadeira posição profética.*

*Conhecer os Evangelhos enquanto busco praticá-los, nos limites que a minha própria finitude me impõe é, assim, a melhor forma que tenho para ensiná-los. Neste sentido é que somente a prática de quem se sabe humildemente um eterno aprendiz, um educando permanente da Palavra, lhe confere autoridade, no ato de aprendê-la e de ensiná-la.*

*Autoridade, por isto mesmo, que jamais se alonga em autoritarismo.*

*Este, pelo contrário, é sempre a expressão da redução da Palavra a mero som — não mais PALAVRAÇÃO — e a negação, portanto, do testemunho pedagógico do Cristo.*



A presença atuante do pai na vida da criança é fator indispensável para a formação de uma personalidade equilibrada.

Romanini

## SUMÁRIO

Família — Pai: o homem que se marginalizou	4
Atualidade — Situação de saúde da criança brasileira	8
Psicologia — Alterações do comportamento humano pela manipulação do cérebro	12
Saúde — Cuidado com a raiva!	16
Reportagem — Por trás das muralhas da hanseníase	20
Entrevista — Vocação e tendências profissionais	28
Ciência — Soja: o feijão maravilha	32
Encontro com Cristo	35
Documentos da CNBB — Uma vocação muito especial	37
Educação Política — Entrando e saindo das crises	43
Profissões no Brasil — Ciências Contábeis. Uma profissão para gente organizada, que sabe planejar.	46
Tricô — Mais vida para a sala de estar	48
Carta do Mês — Curas e curandeiros	50
Comunicação — Paulo Freire e a educação para uma consciência crítica	52
Cultura Popular — Congada: ontem e hoje, expressão de fé	56
Cozinha — Está na hora da sobremesa	58
Entre Jovens — Na Igreja, a hora dos jovens	60
Conto — O Encontro decisivo	65
Só para os pequeninos — Um alô para o papai	68
Confie-me seu problema	70
Jogos e Humor	72
Opinião do Leitor	74

FAMÍLIA CRISTÃ  
ANO 46 — N.º 536 — agosto de 1980

Assinatura anual Cr\$550,00  
Número avulso Cr\$50,00  
Número avulso Cr\$50,00

8/1980

A complexidade da situação brasileira exige, cada vez mais, a participação de toda a comunidade na busca de novas formas de bem-estar social.

Esta participação, porém, só será possível se o povo tiver possibilidade de conhecer a realidade do processo de desenvolvimento.

Neste sentido, FC, a partir deste número, sai com uma nova seção: EDUCAÇÃO POLÍTICA — a cargo de Plínio Arruda Sampaio, prof. da Escola de Administração de Empresas da FGV — que analisará os problemas sócio-político-econômicos atuais.

Mas a colaboração de todos faz-se necessária, também, nos demais setores. Assim, na área familiar, a presença do pai, como educador e elemento de equilíbrio na formação da personalidade da criança, deve ser marcante desde a concepção. Nem mesmo o trabalho fora e os encargos sociais justificam a ausência do pai na formação do filho. E a mãe estará usurpando os direitos do pai se assumir sozinha a responsabilidade da educação.

Dar à sociedade uma pessoa equilibrada é a maior tarefa de um casal.

Na área da saúde, verifica-se uma acentuada omissão. O índice de mortalidade infantil, por exemplo, em nosso País, chega a cem em cada mil crianças, até o primeiro ano de vida, vítimas de doenças infecciosas, respiratórias e outras — consequência funesta de uma alimentação inadequada, da falta de moradia, saneamento básico e assistência médica.

Situação alarmante, ainda, constatada por nossa reportagem, é a dos hansenianos. Meio milhão de pessoas, aproximadamente, só no Brasil, enfrenta o drama da solidão e do abandono da sociedade e até dos familiares, por causa de preconceitos infundados e desconhecimento do progresso da Medicina na erradicação da doença.

Outros temas de suma importância são abordados, também, nesta edição: o grande problema da manipulação do cérebro através de "lavagem cerebral", a vocação do homem e sua realização profissional, o método de alfabetização segundo Paulo Freire, a posição do jovem na Igreja e as congadas.

I.L.P.

I.L.P.